



«Você acertou num homem!»

JIM POLING

Um caçador relembra
o dia terrível em que
disparou cedo demais

«**P**AI, que idade a gente precisa ter para caçar?» perguntou meu filho de 12 anos olhando com muito interesse para a prateleira de armas de caça penduradas em cima de minha escrivaninha. Sem dúvida, por detrás dos seus olhos moviam-se visões de homens de casaco vermelho, serpenteando silenciosos pelos bosques escuros – e, entre eles, um rapaz carregando a sua primeira espingarda.

Ele era jovem demais para imaginar que eu havia feito a mesma pergunta a meu pai há muitos anos, e seu estado de devaneio o tornava insensível à angústia que então se estampava em meu rosto. Como podia ele compreender o pesadelo que tinha nascido de meu próprio sonho inocente? Um dia tentarei

CONDENSADO DE «OUTDOOR LIFE» (FEVEREIRO DE 1977), © 1977 DE TIMES MIRROR MAGAZINES, INC., NOVA YORK

explicar-lhe o que aconteceu nessa taciturna manhã de outubro, há 17 anos, naquela região agreste perto do que se chama atualmente Thunder Bay, Ontário, Canadá.

Naquela manhã, a floresta verde acinzentada estava silenciosa, com exceção do bater da chuva miúda contra as bétulas seminuas e do ruído que faziam as pernas de nossas calças encharcadas. «Vamos descansar», disse para meu amigo Ed Blady ao subirmos uma rampa íngreme, caminhando em direção a uma pequena clareira. Tinha sido puxado, mesmo para dois rapazes de 17 anos, esbeltos e cheios de vida. Sentamos muito à vontade numa laje úmida e íngreme de granito para comer nossa refeição matinal: sanduíches.

Ed e eu já tínhamos caçado naqueles montes de pinheirais. Fazia só uma semana que eu avistara um magnífico gamo por ali, mas ele tinha fugido para a mata cerrada antes que eu disparasse.

Senti de repente um movimento perto de nós. Mais abaixo, na orla da clareira coberta, havia um enorme pinheiro, com o alto da copa oculto em neblina e os ramos pesados inclinando para o chão. Qualquer coisa se moveu o suficiente para fazer mexer um ramo. Atento, observei... outro movimento... depois, outro. Silenciosamente, fiz sinal a Ed e peguei minha espingarda.

Separamo-nos. Dados cinco passos e passados cinco segundos, um objeto marrom acinzentado apare-

ceu entre os ramos. Distingui o quarto traseiro de um gamo que descansava.

«Olha lá!» disse, encostando a placa metálica da coronha no ombro, enquanto mirava bem no centro daquela anca. Não dei um tiro certo para matar, mas tinha que imobilizar o bicho antes que ele fugisse para o bosque denso. (Não conseguia ver distintamente se era gamo ou corça, mas na nossa área nunca houve uma lei que só permitisse caçar gamos.)

Apertei o gatilho e a mata retumbou. «Peguei-o!» gritei.

Corremos para a árvore. Ed estava poucos passos à frente.

«É um homem!» gritou ele. «Você acertou num homem!»

Debaixo dos ramos jazia um caçador com uns 60 anos, o rosto crispado pela dor. Um círculo vermelho escuro aparecia precisamente por cima do joelho de suas calças grossas de caça.

Num segundo, Ed estava junto dele, tirando depressa o cinto para fazer um torniquete. Horrorizado, dei mais uma olhada e saí correndo para procurar ajuda.

Minhas recordações das poucas horas que se seguiram parecem fluir em velocidade triplicada. Lembro-me de uma corrida desenfreada de 1.500m pelos bosques, um motorista surpreso que mandei parar na auto-estrada, sirenes de uma ambulância e as feições pálidas do homem ferido sendo conduzido pelas portas de emergência da enfermaria. Lembro-me depois da

sala de interrogatórios no edifício da Polícia Provincial de Ontário.

Dedos gigantes, frios e invisíveis, pareciam apertar-me os pulmões quando me sentei. A respiração vinha-me em golfadas, e meu estômago agitava-se à medida que dois policiais anotavam minha história. «Nunca mais voltarei a tocar numa arma», proferi abruptamente quando acabei.

«Não diga isso, filho», replicou um dos policiais. «Foi um acidente. Tudo vai dar certo.»

Só quando o carro de radiopatrulha preto e branco parou em frente à nossa casa é que minhas idéias começaram a aclarar. Eu pensava em meu pai, restabelecendo-se de uma operação na perna, e como ele tinha ficado aborrecido quando comprei minha espingarda. (Ele havia desistido de caçar gamos porque considerava isso perigoso.) Sabia que ia despedaçar-lhe o coração, e desejava desesperadamente evitá-lo, correr para os braços de minha mãe e chorar como nunca o havia feito antes, mas algo me dizia que tinha que ir até ele e comunicar-lhe a notícia como um homem.

Ele estava sozinho na sala. «Papai», murmurei, lutando por manter minha voz firme. «Acertei num homem no bosque. Ele ficou gravemente ferido, e a polícia está lá fora.»

Meu pai olhou-me espantado e incrédulo, sua boca tentando em vão formar palavras. A ira apareceu em sua face, mas logo me agarrou e me puxou a cabeça para seu peito.

«Você é o meu único filho, e você é bom», soluçou. «Havemos de resolver o problema.» Ambos choramos durante muito tempo, mas ele nunca me castigou. Creio que por ele não ter feito isso é que fui capaz de encontrar forças para sobreviver às dificuldades que advieram.

Nos dias seguintes, havia jornalistas em nossa porta e nosso nome vinha constantemente a público. O estado do homem que eu ferira oscilava. Sua perna tinha sido amputada. No domingo à tarde, oito dias depois do acidente, ouvi o telefone tocar. Meu pai, de mãos trêmulas e rosto pálido, veio dar-me a notícia. O homem tinha morrido. Eu ia ser acusado de homicídio involuntário, crime que pode ser punido até com prisão perpétua.

Dias depois, um coágulo sanguíneo na perna ferida de meu pai fulminou-lhe o coração. Morreu em 11 de novembro de 1960, enquanto o promotor da Coroa preparava um libelo contra seu filho.

Na audiência preliminar, a polícia relatou os fatos, apresentou documentos e deu pormenores de meu depoimento. Ed Blady testemunhou. Membros do clube de caçadores a que a vítima pertencia apresentaram detalhes; explicaram que o homem tinha há anos uma perna aleijada e não podia andar muito sem descansar. Por isso, procurara abrigo sob a árvore.

O magistrado decidiu que eu teria que me apresentar a julgamento perante o Supremo Tribunal de

Ontário. Em 16 de fevereiro de 1961, três dias depois do meu 18.º aniversário, dois guardas escoltaram-me até o banco dos réus na ampla sala do tribunal. Um juiz, imponente em sua toga, fixava-me de cima de sua cadeira, enquanto os advogados selecionavam os 12 jurados. O julgamento começou no dia seguinte. Foi outro pesadelo. Lembro-me de meu terno escuro emprestado e de como ficou molhado de suor da axila ao cotovelo. Relembro, como se fosse hoje, a barra de bronze polida da tribuna das testemunhas e de como eu me agarrava a ela.

Reprimia as lágrimas e a irritação à medida que o procurador me aturdia com perguntas acusadoras. Ele parecia desprezar a distância entre mim e a vítima. Como podia eu ter atingido outro ser humano estando a menos de 50m? Sim, era verdade que ele se encontrava parcialmente escondido debaixo da árvore; sim, era verdade que ele usava calças de tom cinza escuro e uma camisa de caça verde e preta, que, num dia de neblina, se tornava mais negra... Mas, como?... Como?

Meu advogado argumentava que tinha sido um erro sem má fé. Desafiava o júri a encontrar qualquer prova de deliberado menosprezo pelos outros e apresentava testemunhas idôneas que diziam ser eu ponderado e prudente. Os jurados não se mostravam impressionados; ouviram e depois saíram. Fui levado para a prisão enquanto decidiam qual seria meu destino.

Meus carcereiros pareciam confiantes em ter-me de volta. Não me restituíram meus objetos pessoais quando saí e fui levado para ouvir o veredicto.

A sala do tribunal estava repleta. O zumbido das vozes tensas e excitadas feria-me os ouvidos à medida que caminhava para o banco dos réus. Minha mãe, rodeada de parentes, parecia estar à beira de um colapso nervoso. O júri voltou. O presidente dos jurados levantou-se e enfrentou-me. O mundo inteiro pareceu parar quando ele começou a dizer: «Consideramos o réu inocente.»

Ouviu-se um rumor de suspiros e comentários por toda a sala. Minha mãe chorava e alguém abriu a porta de acesso ao banco dos réus. Cambaleei desorientado para fora. Fiz então o que tinha desejado fazer logo no primeiro dia em que a polícia me levava a casa para enfrentar meu pai. Corri para minha mãe, caí em seus braços e chorei.

Dois anos mais tarde, deixei aquela região e acabei por seguir uma carreira e constituir família. Nunca mencionei o acidente, exceto à minha mulher. Finalmente, peguei numa espingarda e comecei outra vez a caçar.

Por quê? Na verdade, não sei a razão por que fiz isso. Algo profundo dentro de mim me compelia a ir, a manter um rumo certo na vida, ainda que meu nervosismo inicial, no que respeita às caçadas, tivesse roubado algo de seu prazer.

Desde então, tem havido muitas caçadas, mas, tanto quanto sei, nenhum de meus companheiros teve conhecimento da tragédia de 1960. Alguns podiam interrogar-se por que eu levava muitas vezes a espingarda descarregada, ou por que quase sempre preferia caçar sozinho. Não queria ninguém junto de mim quando um gamo vagueasse dentro do raio de ação de minha mira, enquanto tremia e suava tentando forçar o dedo paralisado a apertar o gatilho.

Esta história fez numerosas viagens entre a máquina de escrever e a gaveta de minha escrivaninha desde que, pela primeira vez, a pus no pa-

pel em 1963. Agora, 14 anos depois, falo do acidente na esperança de que, ao fazê-lo, possa evitar ocorrências parecidas – talvez mesmo salvar uma vida.

No que respeita a meu filho, dir-lhe-ei para caçar se quiser. Explicar-lhe-ei que, apesar do que afirmam seus detratores, a caça é um passatempo honroso e saudável... contanto que nunca se procure apenas satisfazer o ego das pessoas. Também vou ensinar-lhe a não ser nunca rápido no gatilho, não só por causa dos perigos óbvios, mas porque o verdadeiro caçador respeita todos os seres vivos e não rouba uma vida sem refletir.



A LETRA do nosso professor de matemática no quadro-negro era tão pequena que os que se sentavam nas últimas filas não conseguiam entendê-la. Nossas constantes súplicas para que escrevesse com letra maior eram em vão. Um dia, depois de botar na pedra algumas equações, ele virou-se para a classe... e descobriu que todos os alunos lá atrás estavam esquadrinhando o quadro de binóculos.

Embaraçado, no dia seguinte nosso professor cobriu a pedra com letras enormes.

– V. Meera

UM DIA, num programa de televisão, perguntaram a Francesco Cernelutti, um dos maiores advogados italianos, qual o segredo de seu sucesso. «Minha esposa», respondeu. Percebendo a surpresa do entrevistador, acrescentou: «Ela nunca estudou direito, não se intromete em meu trabalho, nunca me dá nem pede conselhos, mas enche minha vida com sua presença. Antecipa-se a meus desejos, adivinha meus estados de espírito, ouve meus desabafos, sempre encontra a palavra certa. À noite, enquanto mexo em meus papéis, ela se senta ao meu lado, fazendo tricô, sem dizer palavra. O barulho das agulhas é o melhor tranquilizante que conheço – quebra a tensão e me dá um sentimento de infinita segurança. Sem minha mulher, eu estaria perdido. Com ela, sinto-me capaz de fazer qualquer coisa.»

– Oggi Illustrato, Itália